

Meio-dia de verão

Estrada para o cais quase a deserta. Uma e outra gaivota cruzando tonalidades de azul. Pedra, muita pedra – arquiteturas pousadas no abismo. Só o velho homem modela sombras deitado na rocha, abrasado de pele, sem sentir.

Todo dia, aquele ritual: às doze horas se estende no berço duro, incrustado na terra. Um braço protege à vista, que explode em estrelas púrpuras. O magro corpo de um inseto, à distância. Mas são de homem estas pernas gafanhotas, pés como pinças, peito dedilhado em costelas. Superfície negra e lustrosa no fundo anil – o velho se esconde num sonho absurdo. O sol que pouco a pouco ingere, como fossem doses de morfina, já não pode queimá-lo. Trabalha agora por dentro, para além da pele, buscando a matéria viva.

Os passantes se anunciam pelos sons de areia. Buscam o cais, onde o comércio formiga. A esta hora, marginais de gorro verde esperam a senha de passagem. Amantes enciumados chegam ao precipício, fim da ponte, à beira de um vulcão de águas. O homem continua bebendo luz como um sôfrego, embalado ao vento.

Mais tarde, desfeito o vitral dos olhos, quando o sol se farta, é tempo de partir. Devagar o velho se estica, se esteira, palpita de segura, todo ele sede, diante do mar. O equilíbrio difícil nos membros, e o espanto dos turistas que percebem a escultura humana. O velho torna ao mundo ressequido – os muros pintados com gritos de revolução; as menininhas encantadas com o ocaso no céu. Quando chegar o inverno, o homem fará de sua casa um abrigo para milhões de gaivotas. Por enquanto, regressa, tangido com um galho na brisa: pensa que amanhã será outro dia, também iluminado.

Tércia Montenegro, em *Linha férrea* (Lemos Editorial), 2001.